Introdução

O jornal *The New York Times* (2010) criou a expressão “divórcio grisalho” para designar os norte-americanos que se divorciam após os 55 anos. Neste estudo, optamos por adotar também o conceito de “divórcio grisalho”, mas para nos referir às separações de relações conjugais que duraram em torno de vinte anos. Tendo em vista que o divórcio¹ tardio está, cada vez mais, fazendo parte da sociedade contemporânea, nosso objetivo maior é conhecer um pouco mais sobre a perspectiva da mulher de meia-idade que vivenciou o processo de separação de um casamento duradouro.

O tema vem, particularmente, chamando a atenção também pelo fato de a autora deste trabalho ter vivenciado um tanto de perto - e ao mesmo tempo preservado a respeitosa distância - , como filha, a experiência dolorida e complexa de seus pais ao se separarem depois de mais de 30 anos de matrimônio. As dúvidas da autora expressam muito mais que uma questão pessoal, mas sim todo um processo que vem envolvendo vários casais que a rodeiam: histórias de homens e mulheres que optaram por terminar casamentos longos.

De fato, o divórcio tardio é um assunto que aparece com maior intensidade nos dias atuais como, por exemplo, ilustrado na obra de ficção *Divã*, de Martha Medeiros, que foi adaptado para o teatro, para o cinema e até alcançou a rede nacional através de uma série da TV Globo em 2011. O *Divã* conta a história de uma mulher de 40 anos, mãe de dois filhos, que vive às voltas com as alegrias e desafios da sociedade contemporânea e que decide se separar de uma união duradoura. Frente a frente com seu psicanalista, a personagem questiona seu casamento, sua realização profissional e seu poder de sedução. Podemos pensar que o sucesso da obra possivelmente reflete a preocupação atual com o término de relações afetivo-sexuais de longa duração e com o que se passa na vida de alguém após a separação já na meia-idade.

¹ Utilizamos o termo divórcio e separação como sinônimos, independentemente do registro legal. Falamos aqui em divórcio com o significado de separação de corpos e de domicílios, em vários contextos de casamento, seja civil, religioso ou consensual (coabitação).

De acordo com dados do IBGE publicados pela revista *Veja* (2005), em seis anos (1998-2004), o número de divórcios entre homens e mulheres com mais de cinquenta anos cresceu em torno de 40%. Segundo o Departamento Federal de Estatísticas da Suíça (Swissinfo.CH, 2009), o número de divórcios de pessoas que completavam mais de vinte anos de união aumentou naquele país – em 1970 esses casos representavam 10% e em 2007 chegaram a 30% dos casais separados. Além do Brasil e da Suíça, outros países, como Estados Unidos, Reino Unido, França, Alemanha e Japão, também têm apresentado altos índices de separações no que diz respeito a casamentos longos (Kingsnton, 2007). A tendência para um futuro próximo é que um número crescente de casais irá romper o casamento durante e depois da meia-idade (Uhlenberg, Cooney & Boyd, 1990).

A revista *AARP* (2004) da Associação Americana dos Aposentados realizou um dos primeiros estudos acerca do tema divórcio na meia-idade. Inspirada nesse trabalho, a jornalista Deirdre Bair (2010) desenvolveu uma pesquisa sobre a separação tardia² nos Estados Unidos, com mais de quatrocentas pessoas: ex-mulheres, ex-maridos e seus filhos adultos. Ela chegou a se referir ao divórcio tardio como um tipo de “epidemia” e “fenômeno mundial” (p. 12).

Vários fatores contribuem para o aumento do número de separações tardias: o aumento da longevidade; a crescente independência econômica da mulher em função de sua entrada no mercado de trabalho; o avanço da medicina, proporcionando uma melhora da saúde e postergando os sintomas do envelhecimento; a ênfase no individualismo; a exacerbação do “amor-paixão” nos diversos tipos de mídia, dentre outros (Bair, 2010). Esses aspectos, somados ao fato de o divórcio ser mais aceitável, mais econômico e menos burocrático hoje na sociedade do que há algumas décadas, faz com que pessoas que viveram muitos anos dentro de um casamento insatisfatório tenham coragem de tomar decisões que antes não tomariam, até pelo fato de saberem que ainda têm pela frente muitos anos de vida. Assim, a separação pode ser vista não só como o fim de um projeto, mas como uma oportunidade para começar algo novo (VEJA, 2003, 2005).

A antropóloga Mirian Goldenberg (2009) realizou uma pesquisa no Rio de Janeiro com mulheres na faixa etária de cinquenta a sessenta anos. Ela pôde observar como a presença do marido é extremamente valorizada entre as

² Casais que optaram pelo término de um casamento na meia-idade ou na velhice.

brasileiras, especialmente em um contexto em que os homens disponíveis para o casamento são escassos. Segundo Jablonski (2003), os homens geralmente têm mais facilidade para encontrar novos parceiros do que as mulheres. É o fenômeno que Berquó (1989) chama de “pirâmide da solidão”: na medida em que envelhecem, as mulheres veem sua chance de recasar diminuir. Isso se deve a uma maior expectativa de vida da mulher³ e ao fato de que os homens costumam se recasar com pessoas mais jovens do que eles.

Apesar de o marido ser considerado um capital, conforme nos mostra Goldenberg (2009), são as mulheres que, na maioria dos casos, abrem mão do casamento de muitos anos com o pedido de separação (AARP, 2004; Bair, 2010). Assim, decidimos entrevistar mulheres que tomaram a iniciativa sobre o divórcio para entender: o que motiva as mulheres a romperem seu laço conjugal? Como é para elas passar por uma transição após tanto tempo de convívio com a mesma pessoa? Será que a separação é avaliada como uma crise temporária, à qual é possível se adaptar com o passar do tempo (Booth e Amato, 1991), ou uma fonte de tensão crônica que persiste indefinidamente (Degarmo & Kitson, 1996)?

Em suma, o objetivo principal deste trabalho é analisar os depoimentos a respeito da separação de uma união de pelo menos vinte anos, feitos por mulheres pertencentes ao estrato econômico médio e alto da população, visando compreender tal processo; suas motivações, desafios, estratégias adotadas na condução da vida pós-divórcio entre outros questionamentos. Buscamos compreender tais pontos através de um enfoque psicossocial, na medida em que acreditamos que, além da história particular do sujeito, o contexto social no qual está inserido também exerce uma importante influência no seu modo de ser, pensar e agir.

Bair (2010), em sua pesquisa com pessoas que passaram pelo processo da separação tardia, percebeu que nas entrevistas “uma frase apareceu repetidamente ao descreverem o sentimento inicial que tinham quando pediam o divórcio: uma pesada *sensação de fracasso*” (p. 339). Podemos supor que grande parte desse

³ Segundo a Síntese de Indicadores Sociais (SIS, 2010), a expectativa de vida no Brasil aumentou cerca de três anos entre 1999 e 2009. As menores taxas de mortalidade são registradas entre as mulheres, por isso elas têm vivido por mais tempo e somam 55,8% das pessoas com mais de sessenta anos no país. No período avaliado, a expectativa de vida delas passou de 73,9 anos para 77 anos. Entre os homens, subiu de 66,3 anos para 69,4 anos.

sentimento surja a partir de uma cobrança social de sermos felizes num único casamento e para a vida toda, já que é esse o ideal de casamento que atua no imaginário da sociedade até hoje. Este estudo nos permite também avaliar o quanto ainda é forte, ou não, a influência desse modelo de casamento tradicional - monogâmico e indissolúvel - como fonte de felicidade.

Outra questão importante verificada neste trabalho é a situação financeira da mulher após o divórcio, isso porque muitas pesquisas já realizadas constataram que as mulheres sofrem um maior prejuízo financeiro em função da separação, quando comparadas aos homens (Hoffman & Duncan, 1988; AARP, 2004). Com este estudo, buscamos saber se esse decréscimo também ocorreu com elas e, a partir daí, questionamos como foi a adaptação a um novo padrão econômico de vida. Além disso, tomamos conhecimento das formas de enfrentamento que essas mulheres utilizaram para lidar com uma situação desconhecida em suas vidas.

Ao longo deste trabalho nos debruçamos sobre aspectos importantes do *background* social a fim de obter uma melhor compreensão sobre nosso tema. Adotamos uma perspectiva interdisciplinar englobando contribuições da psicologia, sociologia, antropologia, demografia, história social e psicologia social.

Iniciamos a revisão da literatura trazendo uma retrospectiva da família e do casamento no mundo ocidental e no contexto brasileiro, seguindo com uma análise sobre as transformações dessas instituições na atualidade.

No segundo capítulo tecemos algumas considerações sobre as mudanças que ocorreram na concepção de gênero, principalmente em relação ao papel da mulher dentro da sociedade. Logo adiante, apresentamos de forma sucinta o processo de envelhecimento na contemporaneidade, assim como a chegada à meia-idade.

Contextualizamos o “divórcio grisalho”, no capítulo quatro, trazendo seu conceito e suas características. No quinto capítulo, descrevemos o método utilizado para a realização da pesquisa explicitando os critérios de seleção dos sujeitos, instrumento e análise dos dados. Foram entrevistadas dez mulheres que tomaram iniciativa do divórcio de um casamento de mais de vinte anos. As entrevistas foram semi-abertas, permitindo que as participantes se expressassem livremente sobre os temas propostos.

Na análise de conteúdo (Bardin, 2009), a partir dos eixos temáticos, emergiram das falas das participantes, as seguintes categorias: expectativa em relação ao casamento; motivos para a separação; desafios da separação tardia; alternativas para o enfrentamento das dificuldades; reação dos filhos, amigos e familiares; vida profissional antes e depois da separação; vida afetiva e sexual após separação; avaliação do momento atual; e ‘conselhos’ sobre o casamento.

No sexto capítulo, apresentamos os resultados e a discussão dos dados articulados aos referenciais teóricos. Por fim, no sétimo capítulo, foram expostas as considerações finais, que abrangem as conclusões da pesquisa sobre o divórcio grisalho, suas motivações, desafios e avaliações sob a ótica feminina.